

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAÍ-

XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(Continuação)

CDXXXIX

Se eu te dei palavra
A ti do casamento,
Foi dada na rua...
Levou-a o vento!

CDXL

Já morri, já me enterraram,
E agora já estou aqui;
Não ponde a terra gastar-me
Sem me eu de pedir de ti.

CDXLI

Já no ceu não ha estrellas
Senão uma ao pé da lua.
Tenho buscado e não acho
Cara mais linda que a tua.

CDXLII

Jurei pelo junco verde,
Que é a jura do pastor,
Que não ha fonte sem *lismos*,
Nem donzella sem amor.

CDXLIII

Já não ha quem vá
A traz dos quintaes,
Peimonde os marotos
Dos officiaes.

CDXLIV

Já não ha quem vá
Ao campo ás flores
Peimonde os marotos
Dos trabalhadores.

CDXLV

Duas riyaes, quando se encontram,
Sobresalta o coração;
Essa que o tem mais firme,
Da outra faz mangação.

CDXLVI

Dissimula, mostra agrado,
Vencerás o que desejas.
Eu sou amor de tu'alma,
Ou tu sejas ou não sejas.

CDXLVII

Dizem que o amor-
Perfeito não dura.
Eu não digo isso,
Que o meu inda atura.

CDXLVIII

Góstas, que eu bem sei que góstas,
De me veres acabar!
Se o meu morrer te dá gosto,
Vou morrendo devagar.

CDXLIX

Uma Annica me deu cóca,
Que é um mal que não tem cura.
Ando feito n'uma róca:
Penho-me á sua cintura.

CDL

Foi-se meu bom! foi-se...
Se se foi, deixal-o ir!
Se elle se foi de seu gosto,
Elle tornará a vir.

CDLI

Virgem mãe de Guadalupé,
Minha mãe, minha madrinha:
Se meu bem vai ser soldado,
Ail que desgraça é a minha!

CDLII

Vêr-te, meu bem, e não vêr-te
São dois extremos eguaes:
Em te vendo choro muito,
Não te vendo el'bro mais.

CDLIII

Chorar, sentir, padecer,
São effeitos de quem ama.
Quem se obriga a bem querer,
Tristes lagrimas derrama!

CDLIV

Coração ao pé da bocca
Faz um peito que regala;
Em certas occasiões
Arrebenta se não falla.

CDLV

Meu coração é relogio,
Minh'alma dá badaladas.
Nos dias que te não vejo
Trago-te as horas contadas.

CDLVI

Menina que tão bem canta,
Diga-me qual foi o mestre;
Diga-me qual foi o auctor

Que fez o arco celeste.

CDLVII

Meu coração é sincero,
Não pretendas mangações;
Eu bem sei onde tu vás
Certas noites dar serões.

CDLVIII

Meu coração é de vidro:
Póde estalar, mas não dobra.
Firmeza para contigo
Tenho tanta que me sobra.

CDLIX

Meu coração é de vidro:
Fechado na mão se quebra.
Assim é você commigo...
Julga que o vento me leva!

CDLX

Meu coração é pequenino,
Mas tudo lhe cabe dentro;
Vae ouvindo e vae guardando
P'ra fallar quando fôr tempo.

CDLXI

Meu coração, em demanda,
Já tem vencido batalhas,
Queira Deus que eu chegue a vêr
O meu rival de cangalhas.

CDLXII

Meu Deus, que vida tão triste
Que eu n'este mundo estou tendo!
Sempre que me assômo á porta
Logo o meu rival 'stou vendo.

CDLXIII

Passei pela oliveira,
Cinco folhinhas roubei.
Cinco sentidos que tenho,
Todos em ti empreguei.

CDLXIV

Penteada d'arrepios,
Tambem usa caracoés...
Aqui n'esto balho anda
Quem pesca com dois anzoes.

CDLXV

Lá no arco do castello
Nascem o sól, combate o vento.
Commigo tendes a fama,
Com outra passaes o tempo.

CDLXVI

Laranjeira de pé d'ouro,
Com seus raminhos de prata.
Oh amor, dá os teus olhos
A quem por elles se mata!

CDLXVII

Lindas flores são junquillos,
Junquillos são lindas flores.
Lindas mães, que criam filhos
P'ra darem aos seus amores.

CDLXVIII

Loureiro verde loureiro,
Baga verde é o teu fructo.

Foste o meu amor primeiro...
Deixar-te custa-me muito!

(Continúa)



NOVELLEIRO POPULAR DO BAIXO-ALEMTEJO

(Da tradição oral)

Coordenado por Dias Nunes

I

O velho que foi á escola

Era uma vez um velho, que andando, um dia, a lavar a sua terra achou um taleigo de dinheiro. Apanhou-o e levou-o para casa, recommendando muito á mulher, que não gastasse d'alli nem cinco réis, para restituir o taleigo a seu dono quando este apparecesso. No dia seguinte o velho foi para a lavoira e á noite, quando voltou a casa, diz-lhe a mulher: «não sabes, marido? temos alli, para a ceia, uma lebre que apanhou o nosso gallo.» «Pois o nosso gallo apanhou uma lebre?!» «Sim, homem, é como te digo.» E foram ambos ceiar. No outro dia o velho foi, como de costume, para o trabalho do campo; e assim que appareceu em casa, á noite, a mulher—fingindo grande admiração—contou-lhe que tinham chovido bolinhos no seu quintal. E apressou-se a mostrar ao marido os bolinhos, que estavam dentro de muitos alguidares debaixo das goteiras. O velho, coitado, acreditou e os bolinhos serviram para a sobremesa da ceia. No outro dia, queixando-se o velho, á volta do trabalho, de grande canção, lembrou-lhe a mulher—que fosse á escola aprender; depois podia elle ensinar meninos, e assim levaria uma vida mais descaçada. O homem a principio não queria, receando por ser velho, a mangação dos rapazes; mas por fim a mulher convenceu-o; e ella mesma levou para a escola a tripeça onde o marido havia de assentar-se.

Logo no primeiro dia os rapazes fizeram do velho enorme mangação; no segundo, deixaram-n'o cahir da tripeça.

Queixava-se o velho:—«já não vou á escola, mulher; os rapazes envergonham-me e maltratam-me; hontem mangaram sempre

de mim, hoje empurraram-me da tripeça... Já não vou á escola!

—Vae, marido, has-de ir; olha que a *lettra com sangue entra*.

Voltou á escola, no outro dia, o pobre velho; mas pela ultima vez, porque os rapazes o correram ao choque (1), fazendo-lhe uma grande ferida na cabeça.

Tornou o velho á antiga vida do campo; e andando, um dia, a lavar a sua terra, passou por alli um hespanhol que lhe perguntou:—Diga-me, tio velho, vocemecê que trabalha por estes sitios, daria noticia de quem achasse um taleigo de dinheiro, que eu aqui perdi em tal tempo? (e disse-lhe quando). Respondeu-lhe o velho: «Sim, senhor; teve vocemecê fortuna; fui eu mesmo que achei esse taleigo. Venha commigo a minha casa, que eu lh'o entrego.» Chegados a casa, diz o velho para a mulher: «este senhor é que é o dono do taleigo de dinheiro que eu achei e te dei a guardar. Trazo-o para lh'o entregarmos. *Deus nos faça bons só com aquillo que é nosso*».

—Qual taleigo de dinheiro?!—perguntou a mulher, fingindo-se muito admirada.

—Qual taleigo? aquelle que eu te dei a guardar!

—A guardar, a mim? Mas quando?...

—Quando? n'aquelle dia em que o nosso gallo apanhou a lebre.

—N'aquelle dia em que o nosso gallo apanhou a lebre!... Meu marido não está bom da cabeça, senhor! Pois quem viu já gallos apanharem lebres?!...—disse a mulher voltando-se para o hespanhol.

—Pois tu, mulher, não te lembras daquelle dia em que choveram bolinhos no nosso quintal?

—Outra! Senhor, pois vocemecê não ouve o que meu marido está dizendo? Agora—que n'aquelle dia em que choveram bolinhos!

—Então não te lembras, mulher?! por aquelle mesmo tempo em que eu fui á escola...

—Oh! senhor! meu marido varreu do sentido! Se não me lembro de quando elle foi á escola!... Como posso eu lembrar-me de tal, se quando nós casámos já elle era velhinho?!... Meu marido varreu do sentido, está maluco!

—Tem razão, senhora,—disse então o hespanhol—; seu marido não está bom da cabeça. Queira decupar-me e passe muito bem.—Foi-se embora o hespanhol e a mulher lá ficou com o taleigo de dinheiro.

(1) Correr ao choque=apedrejar.

II

O Periquito

Era uma vez uma mulher que tinha um filho e uma filha: o filho chamava-se Periquito e a filha, Periquita. Um dia a mãe mandou-os a um mandado dizendo-lhes: «Periquito, vae ao azete, Periquita, vae ao vinagre; aquelle que chegar primeiro ganha uma coisinha.» Chegou primeiro o Periquito e logo pediu a coisinha promettida. Respondeu-lhe a mãe: «vae alli ao quintal; lá está a avó, que te dará a coisinha.» A avó assim que apanhou lá o Periquito, matou-o e foi escondel-o debaixo da cama. Quando a Periquita veio, perguntou á mãe se já tinha chegado o Periquito; se ainda não tinha chegado, que lhe desse a ella a tal coisinha. A mãe respondeu-lhe que não; e quando o Periquito viesse daria a coisinha a ambos. A Periquita descalçou os sapatos e foi guardal-os debaixo da cama. Encontrando lá o irmão, morto, veio para fóra a chorar, n'um valle de lagrimas. Entretanto, o avó esfolou o Periquito e a mãe foi cosinhá-lo. Depois de cosinhado, puzeram o Periquito, dentro d'uma tigela; á cabeça da irmã e mandaram-lhe que fosse levá-lo ao pae, que andava trabalhando no campo, para jantar. A Periquita lá foi, muito chorosa e no caminho, ao pé d'uma fonte, encontrou uma velhinha, que lhe perguntou: «porque choras tanto, menina?» Respondeu-lhe a Periquita: «Ora, não heide chorar! A minha avó matou o meu mano, meu avó esfolou-o, minha mãe cosinhou-o, e agora obrigam-me a ir levá-lo ao meu pae para lhe servir de jantar.» Disse-lhe a velhinha: não chores mais. Olha, mesmo que o teu pae te diga—vem jantar—tu não queiras comer, não queiras acceitar nada. Toma lá este lencinho; junta dentro d'elle todos os ossinhos do teu mano, e quando voltares por aqui deita-os para dentro d'esta fonte. Depois, assim que chegues á tua casa, descalça os teus sapatos e vae outra vez guardal-os. A menina assim fez. E quando foi guardar os sapatos debaixo da cama, encontrou lá o Periquito sentado, com um ro-zario de contas ao pescoço e um grande ramo de laranjas na mão. A Periquita, doida de contente, pegou-lhe na mão e veio logo mostral-o a toda a familia. Disse-lhe a avó: Periquito, dá-me uma laranja.»

—Não quero que me mataste.

Disse-lhe o avó:—Periquito dá-me uma laranja.»

—Não quero que me esfolaste.

Disse-lhe a mãe: «Periquito, dá-me uma laranja.»

— Não quero, que me cosinhaste.

Disse-lhe o pai: «Periquito, dá-me uma laranja.»

— Não quero, que me comeste.

Disse-lhe a irmã: «Periquito, dá-me uma laranja.»

— Toma lá todas, que por mim choraste.

III

A Franganita

Disse o gallo

Par'á gallinha:

— «Com quem casaremos
A nossa filhinha?»

Sahiu o pinto

De dentro do ovo:

— Aqui estou eu
Para ser o noivo.

— «Noivo

Temos nós já;
Agora madrinha,
D'onde nos virá?»

— Sahiu a cobra

Da sua tóquinha:

— Aqui estou eu
P'ra ser a madrinha.—

— «Madrinha

Temos nós já;
Agora, farinha,
D'onde nos virá?»

Sahiu a formiga

Do seu formigueiro:

— Aqui estou eu
Com um quarteiro.—

— «Farinha

Temos nós já;
E amassadeira,
D'onde nos virá?»

Sahiu a porca

Do seu lamaçal:

— Aqui estou eu
P'ra vir amassar.—

— «Amassadeira

Temos nós já;
E agora, a lenha,
D'onde nos virá?»

Sahiu o lagarto,

De rabo alçado:

— Aqui estou eu
Com um braçado.—

— «Lenha

Temos nós já;
Agora, forneira,
D'onde nos virá?»

Sahiu a cadella

De dentro do lar:

— Aqui estou eu
P'ra vir fornejar.—

— «Fornejadoira

Temos nós já;
Agora a carne,
D'onde nos vira?»

Sahiu o lobo

De dentro do matto:

— Aqui estou eu
Com um chibato—

— «Carne

Temos nós já;
Agora, as moças
D'onde nos virá?»

Sahiram as moscas

Do seu mosqueiral:

— Aqui estamos nós
P'ra vir balhar.—

— «Moças

Temos nós já;
E o tocador,
D'onde nos virá?»

Sahiu o burro

Detraz d'um oiteiro:

— Aqui estou eu
P'ra tamborileiro.

(Continua)



PORTUGUEZ VELHO

Origem de varias locuções, adagios e anexins.

Louvado seja Deus

No norte de Portugal o povo sauda-se
com a phrase: *Louvado seja Deus*, traduc-
ção do arabe *Maschallah!*